



# REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UEMS

## TRAJETÓRIAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DE TATUADORES E PIERCERS EM LUANDA<sup>1</sup>

Adilson Kamy Manuel Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentamos uma análise detalhada dos percursos profissionais e sociais de tatuadores e *piercers* em Luanda, Angola. De início, contextualizamos as marcas corporais ao longo da história, notando a evolução do corpo de um elemento coletivo e integrado à comunidade para um vetor de identidade pessoal e expressão artística na contemporaneidade. Para tal, adotamos a metodologia qualitativa focando na entrevista em profundidade, na observação direta e nas análises bibliográfica e documental para a coleta dos dados e embasamento teórico. Ao longo do estudo apresentamos uma discussão sobre a profissionalização da tatuagem e do *piercing* em Luanda, descrevendo como a transição de um passatempo para uma carreira se dá através da habilidade de desenho, mentoria e a necessidade de sustento financeiro. Por fim, abordamos sobre a busca por qualificação profissional, a circulação destes profissionais e as dificuldades enfrentadas, como a falta de reconhecimento legal da profissão e a escassez de materiais, enfatizando a importância da arte, da biossegurança e da relação de confiança com o cliente.

**Palavras-chaves:** Marcas corporais. Trajetórias profissionais. Tatuadores. *Piercers*.

## PERSONAL AND PROFESSIONAL PATHS OF TATTOOISTS AND PIERCERS IN LUANDA

**Abstract:** In this article we present a detailed analysis of the professional and social paths of tattoo artists and piercers in Luanda, Angola. First, we contextualize body markings throughout history, noting the evolution of the body from a collective element integrated into the community to a vector of personal identity and artistic expression in contemporary times. To this end, we adopted a qualitative methodology, focusing on in-depth interviews, direct observation and bibliographic and documentary analysis for data collection and theoretical

---

<sup>1</sup> A pesquisa que deu origem ao presente artigo realizou-se no âmbito da elaboração do Trabalho de Fim de Curso de Licenciatura em Sociologia, intitulado “*Tatuagem é arte na pele: Sobre tatuagens e piercings no imaginário social luandense*”. Apresentado pelo autor à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto.

<sup>2</sup> Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Licenciado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (UAN), Luanda-Angola. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3418-0324> E-mail: [adilsonkamy22@gmail.com](mailto:adilsonkamy22@gmail.com)

grounding. Throughout the study we present a discussion on the professionalization of tattooing and piercing in Luanda, describing how the transition from a hobby to a career takes place through drawing skills, mentoring and the need for financial support. Finally, we discuss the search for professional qualifications, the circulation of these professionals and the difficulties they face, such as the lack of legal recognition of the profession and the scarcity of materials, emphasizing the importance of art, biosafety and the relationship of trust with the client.

**Keywords:** Body marks. Professional trajectories. Tattoo artists. Piercers.

## **TRAYECTORIAS PERSONALES Y PROFESIONALES DE TATUAUTISTAS Y PIERCERS EN LUANDA**

**Resumen:** En este artículo presentamos un análisis detallado de las trayectorias profesionales y sociales de tatuadores y piercers en Luanda, Angola. En primer lugar, contextualizamos las marcas corporales a lo largo de la historia, constatando la evolución del cuerpo desde un elemento colectivo integrado en la comunidad hasta un vector de identidad personal y expresión artística en la época contemporánea. Para ello, adoptamos una metodología cualitativa, centrada en entrevistas en profundidad, observación directa y análisis bibliográficos y documentales para la recogida de datos y la fundamentación teórica. A lo largo del estudio presentamos una discusión sobre la profesionalización del tatuaje y el piercing en Luanda, describiendo cómo la transición de un hobby a una carrera profesional se produce a través de las habilidades de dibujo, la tutoría y la necesidad de apoyo financiero. Por último, discutimos la búsqueda de cualificaciones profesionales, la circulación de estos profesionales y las dificultades a las que se enfrentan, como la falta de reconocimiento legal de la profesión y la escasez de materiales, haciendo hincapié en la importancia del arte, la bioseguridad y la relación de confianza con el cliente.

**Palabras clave:** Marcas corporales. Trayectorias profesionales. Tatuadores. Piercers.

### **Introdução.**

As tatuagens e *piercings* são marcações corporais encaradas ainda com certo grau de tabu na realidade social luandense, caracterizada por uma visão conservadora marcada por juízos valorativos, preconceitos e estigmas sociais aos utilizadores e profissionais destas marcas. Assim, falar sobre os percursos pessoais e profissionais de tatuadores e *piercers* em Luanda se consubstancia numa tarefa interessante pela natureza desta prática artística e profissional. Contudo, simultaneamente, desafiante devido a permanência deste olhar com viés preconceituoso e discriminatório endereçado aos usuários e fazedores, bem como às especificidades dos lugares de feitura destas marcas corporais no contexto sociocultural de Luanda, que vai desde os espaços informais aos estúdios profissionais.

Sabendo que a marca corporal consiste em “toda ação de um indivíduo ou outro, autorizado por ele ou por algum tipo de pacto grupal e laço social sobre o seu corpo, com a

intenção de transformá-lo em sua materialidade, de modo visível e pretensamente definitivo” (MEILMAN, 2015, p. 92), este estudo começa por analisar o corpo como uma entidade social e culturalmente construída, que vai além de uma compreensão puramente biológica para explorar seu papel como um local de inscrição de significado social.

E por meio de uma perspectiva sociológica baseada em autores como Le Breton (2006), Ferreira (2006; 2008), Gonçalves (2014), Macedo *et al* (2014), entre outros, procuramos explicitar o corpo como um espaço para a formação da identidade, expressão artística e sobrevivência econômica. Por conseguinte, o objetivo principal consiste em compreender as motivações para ingressar no ofício, suas trajetórias profissionais em um cenário econômico complexo e os desafios enfrentados pelos “marcadores corporais”.

Com efeito, vale lembrar que os relatos de experiência e as falas distribuídas ao longo deste trabalho foram captados a partir de realidades complexas do processo de execução das tatuagens e *piercings*, de um lado o mercado informal, cuja base é a sobrevivência dos seus fazedores, e de outro lado, os estúdios profissionais estabelecidos.

Portanto, fica evidente que os tatuadores e *piercers* luandenses exemplificam uma tendência global, ao mesmo tempo em que navegam por uma tensão distintamente local entre sua busca por legitimidade profissional e a persistência de estigmas sociais. Embora se note também que, no imaginário luandense atual, estas marcas corporais têm vindo a conquistar cada vez mais usuários, que podem ser encontrados em diversos espaços ou esferas da atividade social.

### **Concepções sociológicas sobre o corpo contemporâneo.**

Ao longo da história da humana, o significado atribuído ao corpo foi sempre fruto de inúmeras mudanças, pelo que não se pode atribuir um significado único sem especificar o contexto temporal e espacial, bem como os imaginários sociais e culturais de cada sociedade, pois o corpo é visto de diferentes formas em diversas sociedades. Por exemplo, nalgumas culturas das sociedades africanas “o corpo era concebido como parte do universo que une e permeia as relações do indivíduo com o mundo” (MACEDO *et al* 2014, p. 154).

Por isso, Le Breton (2006, p. 30) afirma que as sociedades tradicionais, onde o status individual subordina-se ao coletivo, o corpo dificilmente é objeto de separação, pois o homem não é separado do corpo, eles são indissociáveis. Portanto, o corpo é o elemento de ligação da energia coletiva e por meio dele cada indivíduo é inserido no seio da comunidade. Nesta

perspectiva, o corpo nunca é visto como um elemento de individuação porque ninguém se distingue do grupo e cada um representa sua singularidade somente a partir da unidade diferencial do seu grupo.

Na idade média, as relações estabelecidas com o corpo indicavam que a tendência era concebê-lo como algo pecaminoso, desvalorizado e profano, isto devia-se ao aumento da influência do cristianismo. O corpo é reabilitado na Renascença, e surge então o corpo moderno, concebido como algo belo e se destacando a partir das artes. Finalmente, desde o século XIX, o corpo se tornou acessível à cultura de massa e ganhou contemplação estética por meio da fotografia e das artes, que antes era restrita apenas à pintura e à escultura, portanto foi nesta fase em que se democratizou o que antes era privilégio dos que dominavam a sociedade (MACEDO *et al* 2014, p. 154).

Nos meados do século XX, surgiu uma nova forma de construção das identidades corporais, que modificou o modelo do corpo vulgarizado socialmente e o olhar da sociedade para o corpo. Assim, o corpo passou a representar uma mistura entre o nato e o adquirido, entre a natureza e a cultura (GONÇALVES, 2014). A concepção atual que se tem sobre o corpo resulta de uma mudança sociocultural que se manifesta de diferentes formas. Tal como assevera Le Breton (2006, p. 7) o corpo é “moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, (...) é o vector semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída.”

O corpo foi sempre sujeito a modelações onde o cultural e o social se inscreve e grava sobre o biológico, porque é ele que nos caracteriza no meio em que vivemos, bem como é nele que sentimos primeiramente as repressões alheias. Ele é o elemento que conecta a interioridade do indivíduo e sua vida na sociedade, já que é a partir dele que se estabelecem os significados da existência individual e coletiva do ser humano, concentrando em si a maneira como o ator quer ser compreendido na sociedade (FERREIRA, 2006; LIMA, 2017).

Ao contrário do que se verificava no passado, hoje em dia “o corpo, não é pensado somente do ponto de vista biológico, mas como uma forma moldada pela interação social” (LE BRETON, 2006:16). O corpo hoje, é sem dúvidas, dotado de valores simbólicos que lhes são atribuídos socialmente e que, às vezes, têm servido para categorizar as pessoas. Tanto que, nas sociedades individualistas em que vivemos o corpo é visto como o elemento que interrompe e marca os limites da pessoa. Pois, os atores separam-se uns dos outros e são independentes quanto aos valores e iniciativas próprias. Nas sociedades atuais, o corpo funciona como uma

fronteira que delimita a soberania da pessoa em relação aos outros, pois o homem encontra-se separado da natureza, dos outros e de si mesmo (LE BRETON, 2006).

Contudo, apesar deste processo de individuação, hoje em dia, o corpo representa o lugar privilegiado de contato com o mundo, sendo o local privilegiado na produção, encenação e projeção social de identidades ideais ou desejadas, visto que nele se concentram todos os olhares, preconceitos e discriminações existentes na sociedade individualista em que vivemos (FERREIRA, 2008; LIMA, 2017).

Quando analisado a partir de um olhar sociológico, o corpo se configura como um elemento indispensável da expressão humana e essencial para compreender a relação do homem com o mundo. Por este motivo, Le Breton (2006, p. 7) considera que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal. (...) Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo”.

Neste contexto, os corpos com marcações corporais extremas rompem com todos os significados e padrões sociais sobre o corpo, sendo que “cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nela marca valores, leis, crenças e sentimentos que estão na base da vida social” (GONÇALVES, 2014, p. 30).

O corpo contemporâneo passa a ser utilizado como instrumento de arte, elemento de resistência e uma arma contra o sistema opressor vigente, porém esse mesmo corpo pode ser também um objeto de opressão. Deste modo, a arte ultrapassa o limite da tela e o corpo se torna uma forma de expressão da obra de arte. E mais adiante, buscando novas forma de expressão, reivindicação e força política, o corpo se torna mais uma vez um instrumento de luta, e a modificação corporal ganha novos adeptos e novas formas diariamente (LIMA, 2017).

Os seres humanos possuem diversas formas de comunicação, sendo a oralidade e a escrita as mais enaltecidas porém, existem formas inconscientes normalmente guiadas pelas emoções, e neste aspecto, o corpo representa um transmissor efetivo de mensagens, com suas expressões, gestos e movimentos (Ibid.:3). E por sua vez, as tatuagens e *piercings* se constituem como formas de manifestação das emoções por meio do corpo. Desse modo, na ausência de uma realização própria da sua existência, os indivíduos procuram se realizar por meio dos seus corpos (MACEDO *et al* 2014, p. 154). Portanto, é a partir daí que as marcas corporais podem ser vistas como tentativas de aceder a este corpo, que é também lugar de realização do desejo inconsciente.

Em nossos dias, “o corpo é um objeto que assume um carácter subjetivo. (...) encontra-se em constante metamorfose. Não se trata mais de aceitá-lo, mas de modificá-lo e reconstruí-lo” (Ibid.:153). Tudo porque agora, cada um é responsável por regular e controlar seu corpo, que está continuamente submetido ao olhar de si e do outro.

O corpo hoje é “pensado, vivido e cultivado já não como um destino intocável e desprezível, mas como um valioso acessório que marca a presença e demarca a existência individual no mundo, sobre o qual cada um é capaz de construir identidades ideais ou desejadas” (FERREIRA, 2008, p. 674). Por este motivo, muitos indivíduos atualmente constroem e desvelam seus corpos, transformam e expõem sua aparência, corrigem e erradicam todos os defeitos ou degradações físicas, bem como ocultam os seus estigmas (GONÇALVES, 2014).

Entretanto, a busca por um modelo padrão a partir do qual o corpo é considerado socialmente ideal ou perfeito, deixa certos indivíduos, muitas vezes, confusos nas significações sociais, o que legitima a diferença e a exclusão do indivíduo considerado desviante. Há muitas pessoas, que para contestar ou escapar dos padrões sociais sobre o corpo introduzem uma nova lógica corporal, contrapondo-se diante da ordem corporal dominante (GONÇALVES, 2014), tal como ocorre com certos indivíduos que se submetem às inscrições corporais como a tatuagem e o *piercing*, que podem reiterar a personalidade e reconfigurar a identidade.

De acordo com Le Breton (2004:120) “a marca corporal é uma maneira de se distinguir ou destacar de uma existência percebida como demasiado vulgar pelo recurso a um sinal que desmarca e motiva a curiosidade dos outros”. Mas, vários indivíduos são incentivados a manter formas corporais, que apesar de parecerem possíveis, jamais são atingidos completamente, sendo que a verdadeira condição do corpo é sempre negada e omitida. Portanto, o fato é que o corpo tornou-se um modo e lugar de inscrição subjetiva e histórico social (MACEDO *et al* 2014), e a aparência corporal tem vindo a se constituir num aspecto central da identidade pessoal e social dos indivíduos.

### **Do lazer a profissionalização dos tatuadores e *piercers*.**

Etimologicamente, o termo tatuagem provém do tatiano *tau*, *tatu*, *tatau* ou *tatou*, que significa ferir, ferida ou desenho batido. Surge a partir do som produzido pela batida de um instrumento que era utilizado ao fazer a tatuagem, no curso de seus próprios cerimoniais na ilha de Taiti, isto é, na Polinésia, onde o seu uso era conservado, por se tratar de um fenómeno social e cultural elaborado que se constitui numa prova iniciática (LISE *et al* 2013; MEILMAN, 2015). Foi na Polinésia onde surgiu a onomatopeia que deu origem ao termo tatuagem, sendo que já

havia, a muito, a prática e a técnica de tatuar-se, mas faltava apenas a denominação como tal (JAIRES, 2011:171).

A tatuagem consiste num “sinal gravado na própria pele graças a injeção duma matéria colorida na derme” (LE BRETON, 2004, p. 8), ou ainda, uma “inscrição de desenhos na profundidade da derme através da injeção mecânica de uma matéria corante de origem mineral, vegetal, animal ou sintética” (FERREIRA, 2006, p. 207).

O *piercing*, por sua vez, consiste num “furo que se faz na pele para aí colocar um objeto, um anel, uma pequena barra, etc.”, inserida por perfuração em certas partes do corpo, como: a orelha, o nariz, o umbigo, a boca, o mamilo ou a região genital, proporcionando uma variedade de estilos e de significados em cada zona do corpo colocada (LE BRETON, 2004, p. 8). Portanto, o *piercing* sempre carregou uma conotação idêntica à da tatuagem, e para além de ser usado como adorno ou enfeite, também “expressa escolhas individuais, ritos de passagem e confere status nobre a certas pessoas” (RANGEL, 2018).

O interesse por estas marcas corporais entre os tatuadores entrevistados, geralmente surge entre o final da adolescência e o início da juventude, fase em que muitos se encontram a frequentar a escola no ensino secundário. Entretanto, é a sua habilidade em desenhar, o auxílio de um profissional experiente e os grupos sociais dos quais fazem parte, que os impulsiona para a prática de tatuar, esse aspecto está espelhado nos depoimentos que se seguem:

Eu entrei nesse mundo da arte corporal porque eu na altura desenhava muito, sempre foi o meu forte. Eu nasci com o dom de desenhar, (...) até que um dia tive a oportunidade de estar com alguém que me inspirou, que me conduziu a esse caminho. E dali eu fui tentando (...) caminhar nesse universo (Jackson, 34 anos, Tatuador e *Piercer*, Ilha de Luanda).

Um outro profissional entrevistado reforça o seguinte:

Comecei na escola, (...) eu gostava de desenhar, cada vez que me compravam cadernos tinha que fazer um desenho ou letras grafitadas, (...) Onde que eu estava meus trabalhos já eram mesmo assim, na escola os meus colegas me davam os cadernos, as batas, as camisas, então fui gostando. E quando eu via uma pessoa tem tatuagem, gostava bastante mesmo, queria ser como ele. Então aquilo meti na prática e comecei a tatuar (Lee, 27 anos, Tatuador, KM 30).

Para os profissionais deste ofício, as suas primeiras tatuagens e *piercings* normalmente são feitas em seus próprios corpos, em corpos de familiares e de amigos próximos, ou ainda de pessoas que entregam voluntariamente seus corpos para serem marcados. Muitos deles são tidos como “cobaias”, por servirem de modelos para muitos indivíduos que querem se tornar profissionais destas marcas corporais.

Portanto, nota-se também que entre estes profissionais, a primeira experiência com as tatuagens se dá mesmo a partir da pele humana, seja pela vontade de tornar-se tatuador ou *piercer*, quanto pelo desconhecimento da existência da pele artificial ou pela sua escassez no mercado nacional. O que se evidencia na seguinte declaração:

A minha primeira tatuagem eu fiz a mim próprio. Porque quando me encontrei com um amigo, ele tinha uma máquina, me deu então aquela máquina e a tinta para guardar e eu como já tinha aquela noção de gostar tatuagem, peguei na máquina dele e comecei a se picar (Lee, 27 anos, Tatuador, KM 30).

Apesar do fato de saber desenhar ser um aspecto importante e comum a todos os tatuadores entrevistados, o interesse pelas tatuagens não se dá de forma única a todos profissionais. Existem motivações peculiares a cada indivíduo ou grupos de que fazem parte, tais como: o gosto que se tem por estas marcas, o compromisso com os clientes, os trabalhos feitos de outros profissionais, a superação de um trabalho próprio feito anteriormente, a necessidade de adquirir uma fonte de renda, o fato de se viver somente deste ofício, entre outros. As afirmações abaixo ilustram melhor este interesse:

(...) fui fazer uma tatuagem e não achei das melhores. Aquilo que eu via (...) não era propriamente aquilo que eu queria, e fui tatuar num outro e num outro, e não acertavam realmente aquilo que eu queria no meu corpo. Fui vendo que se fosse eu mesmo a fazer, poderia fazer algo (...) das proximidades ou então realmente aquilo que eu queria. Então fui tentando fazer a mim mesmo e vi que, na realidade, tinha potencial para isso (Benny, 32 anos, Tatuador e Piercer, Luanda-Sul).

Em 2010 eu fui estudar pra o Puniv, aí no Benfica. Conheci uma equipa, tinha *gangsters*, tatuadores, grafiteiros essa cena toda, então eu me enquadrei no grafite. Só que depois, porra, eu queria qualquer coisa pra o sustento (...) A primeira vez que eu vi um meu *brother* [irmão/amigo] a tatuar, ele fez um desenho numa colega, eu vi, porra, eu desenho melhor que esse wy [indivíduo/pessoa], como é que esse wy é tatuador? Vou superar esse wy. (...) Daí em diante, eu resolvi apostar nesse *mambo*[coisa] (Gipilson, 28 anos, Tatuador e Piercer, Samba).

Benny Tattoo, realça a questão do prazer pelas marcas corporais e a sua expressividade artística, como sendo os aspectos que o motivam nesta prática:

É uma forma de expressar que eu gosto. E eu consigo ler a mente de cada pessoa que vem tatuar, consigo perceber sentimentos nos clientes, desejos, modos de vida, só pelas tatuagens, eu consigo lidar com todos tipos de pessoas, engenheiros, bancários, empresários, todos passam aqui e cada um, pelo desenho que escolhe transmite alguma coisa para mim e isso é uma boa sensação e me serve como motivação (Benny Tattoo, 32 anos, Tatuador e Piercer, Luanda-Sul).

Diferente do que acontece noutras manifestações artísticas, como é o caso da música, da dança, do teatro, entre outras, a vontade de fazer das marcas corporais uma atividade



profissional não é algo que surge como uma vocação da infância, apesar de haver alguns profissionais que afirmam ter nascido com este dom, pois é típica a muitos indivíduos que se encontram no início da juventude.

Deste modo, para os profissionais entrevistados, é comum que, inicialmente, esta atividade surja como um meio de diversão, de entretenimento ou do acaso, pelo que não existe um único motivo para a opção de tatuarem profissionalmente, tal como eles próprios declaram: “A princípio, eu pensava que aquilo era só uma brincadeira que depois vai passar, mas as coisas não passaram, e quando vi, o bicho foi pegando” (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

“As pessoas encaram como um passatempo, do tipo só mais uma coisa, depois vai deixar, mas eu não deixei brow” (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

Os diferentes contextos, trajetórias e experiências de vida de tatuadores e *piercers*, contribuem também para uma grande diversidade de motivações para o exercício profissional de “marcadores corporais” que vai muito além da criatividade artística. A profissão de tatuador equipara-se a outras atividades de prestação de serviços específicos.

Sendo um ofício economicamente lucrativo e rentável, muitos são os indivíduos que ingressam a prática de marcação corporal, por verem nele a alternativa à falta de saídas profissionais, meios de obtenção de rendimentos, estratégias de sobrevivências, formas de ganhar a vida, via para uma carreira estável ou um biscate provisório.

É das tatuagens que eu dou sustento a minha família, pago uma renda, sustento os meus vícios. Dá para viver minimamente das tatuagens, tanto que eu tenho colegas meus, das tatuagens, que compraram casas no Kilamba, têm carros, fazem viagens e simplesmente tatuam, não fazem outro tipo de coisa a não ser as tatuagens (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

Para alguns, a decisão de seguir carreira profissional de “marcador corporal” surge após certas complicações no mercado de trabalho:

Eu primeiro trabalhava nos armazéns, então quando tinha uma recolha aqui de estrangeiros, levaram o estrangeiro que eu trabalhava com ele, (...) outro que eu fiquei a trabalhar com ele também foi embora, então eu fiquei parado. Trabalhei também numa empresa, mas depois que essas coisas de crise começou saí (...) porque me disseram, você também foste abrangido naquela crise que apareceu aqui no trabalho. Então pra mim, ali parei tudo, já não tava trabalhar, não tava fazer nada, fiquei parado então é onde tomei já o meu reconhecimento que tenho que fazer uma coisa própria que me ajuda. O dinheiro que sai da tatuagem dá pra fazer qualquer coisa mesmo (Lee, 27 anos, Tatuador, KM 30).

É a partir das situações acima narradas, portanto, que as marcas corporais normalmente surgem no mercado informal, razão pela qual temos de reconhecer, em primeiro lugar, uma

realidade completamente diferente dos habituais palcos de execução destas marcas. Visto que nestes mercados, as tatuagens e *piercings* podem ser feitas por tatuadores em suas bancadas ou lugares fixos no interior do mercado ou por tatuadores ambulantes, que vão deambulando por todos “cantos” do mercado e algumas ruas para executarem os seus trabalhos, pois estes não têm espaços fixos definidos.

Entre estes profissionais, há aqueles também que executam trabalho ao domicílio, desde que sejam contatados com antecedência. Sendo, as suas tatuagens caracterizadas por preços muito baixos, pois servem um público com menor poder aquisitivo, se comparado com os preços e o público dos estúdios profissionais de marcação corporal.

E não tendo um preçário fixo, este varia dos 100 kz à 3.000kz de acordo com a aparência física e social do cliente, sendo os maiores preços atribuídos aos indivíduos que aparentam ter uma condição financeira estável. Assim, uma mesma tatuagem pode ter preços completamente diferentes, dependendo da condição aparente do cliente. Vale realçar que, para estes profissionais, a tatuagem é vista acima de tudo como um meio através do qual se pode ganhar a vida, tal como se lê nas palavras deste tatuador:

No momento, no estado que eu vivo, eu vivo órfão de pai e mãe. Então meu trabalho é meu pai, é minha mãe. Isso é que me dá minha vida, que me dá dinheiro, que me dá tudo. Durante três dias fiquei sem trabalhar, isso me fez muita falta, a fome em casa, a água não tinha (Lee, 27 anos, Tatuador, KM 30).

Quanto aos estúdios profissionais de tatuagens e *piercings*, notamos que boa parte encontram-se localizados em espaços escondidos ou mesmo “clandestinos”, principalmente quando seus proprietários são nacionais. Entre os nossos entrevistados, tal fato se deve tanto a necessidade de limitar e preservar a privacidade dos seus clientes, quanto ao fato de os preços para arrendar um espaço numa via estratégica ou zona “nobre” da cidade ser bastante avultados, o que pode não ser compensatório para os rendimentos que eles auferem.

Nestes estúdios, as tatuagens são feitas por marcação atempada e têm um preço inicial estipulado que começa nos 5.000kz, mas que pode chegar a valores altíssimos dependendo do tipo e estilo de letra quando se trata de nomes, e do tamanho quando são desenhos. Para desenhar um nome, por exemplo, um cliente pode pagar no mínimo 5.000kz, mas se for desenhar uma imagem o preço pode rondar dos 50.000kz para cima. Os preços dependem muito do tamanho e do tipo de desenho escolhido pelo cliente.

Contudo, parte considerável dos estúdios visitados conciliam a feitura de tatuagens com a de *piercings*, cujo preço inicial é de 2.500kz. Entretanto, o interesse pelo *piercing* difere do

interesse pelas tatuagens, visto que o desejo de fazer *piercing* em Luanda, de acordo com o depoimento dos profissionais entrevistados, surge como um trabalho complementar à prática de tatuar. Feito, muitas vezes, em função da necessidade de se adequar às exigências do mercado, e não que seja algo que muitos deles a princípio quisessem fazer, o que se comprova nas palavras deste profissional:

Eu por acaso nunca gostei muito de fazer *piercing*, dessas coisas de furações, me fazia impressão furar a pele de alguém, entretanto houve uma necessidade da minha parte que eu tinha que fazer, porque tinha muitas cobranças dos clientes, (...) e eu só tava (...) a me preparar para fazer uma formação de *piercing* e depois começar a fazer (Jackson, 34 anos, Tatuador e Piercer, Ilha de Luanda).

Por muito tempo era comum ver as pessoas pensarem que um tatuador ou *piercer* era alguém que possuísse necessariamente muitas tatuagens ou *piercings*, porém, dentre os nossos entrevistados, encontramos tatuadores sem nenhuma tatuagem ou *piercing* nos seus corpos e outros que só fizeram as suas tatuagens muito tempo depois de se tornarem profissionais. Isto indica que o contexto de profissionalização das tatuagens é dinâmico, visto que atualmente estes profissionais não têm a obrigatoriedade de serem consumidores prévios das marcas que executam. Como afirma Falcon: “Não é que eu não goste de tatuagem, eu gosto muito de tatuagens. E na verdade, eu só não tenho ainda porque como tatuador eu sempre achei que as minhas tatuagens não podiam ser tatuagens assim, feita por qualquer pessoa” (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

Entretanto, para alguns tatuadores conservadores, esta atitude é encarada de forma negativa, como é o caso de Lee que afirma o seguinte: “Eu gosto mesmo de se ver eu primeiro no meu corpo tenho tatuagem e depois ver nos outros. Então aquilo que às vezes eu não gostar pra mim próprio, pro outro também não posso gostar” (Lee, 27 anos, Tatuador, KM 30).

Constatou-se que no contexto de Luanda, muitos tatuadores e *piercers* iniciam suas atividades sem muito domínio sobre as marcas corporais que se predispõem a fazer, muito menos sobre os materiais de trabalho apropriados para tais práticas, fato que influencia bastante na falta de qualidade dos seus trabalhos, pelo menos, na fase inicial de suas carreiras. Conforme narra um desses profissionais: “Na altura os tatuadores não eram nem se quer evoluídos e não conheciam muito a cerca, os equipamentos não eram adequados” (Benny, 32 anos, Tatuador e *Piercer*, Luanda-Sul).

Um outro profissional termina assegurando:

Comprávamos agulhas pra tatuar e esterilizávamos a ponta com fogo, ela sendo nova ainda metíamos fogo, amarrávamos linha. (...) não tinha grande qualidade como tem hoje, mas as pessoas gostavam porque também távamos numa época que ainda éramos muito crús nessa cena. (Jackson, 34 anos, Tatuador e *Piercer*, Ilha de Luanda).

Dentre os aspectos acima mencionados, essenciais no exercício da profissão, o contato prévio com um tatuador ou *piercer* já experiente, se configura como um dos mais relevantes aspectos, uma vez que, tal contato pode permitir aos indivíduos interessados ter mais noções sobre as oportunidades dadas pelo ofício, bem como, conhecimentos técnicos e outros fundamentos para aperfeiçoar as técnicas profissionais. Mas, este contato normalmente é estabelecido quando os novos talentos procuram pelos profissionais, porém, há situações em que os próprios profissionais é que vão à procura de novos talentos, tal como no seguinte caso:

Fui convidado por um brother para tatuar na barbearia dele. Então, fui pra lá comecei a tatuar, os desenhos já estavam a evoluir cada vez mais, fui tatuando e o nome foi crescendo, (...) até que eu tatuei uma moça, e ela depois se encontrou com o Benny. E ele viu a tatuagem, gostou da tatuagem, então o Benny passou a me procurar lá no meu local de trabalho, na barbearia. (...) foi ele quem me vendeu o meu primeiro material profissional de tatuagens, me deu algumas dicas de como tatuar, (...) me deu muita experiência, estive ali quando eu errava alguns traços, deu-me algumas dicas de como melhorar, sobre máquinas, os tipos de agulhas, essas cenas todas, por isso, parte do que eu sou hoje como tatuador é por ele (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

A profissão de “marcador corporal”, exige dos seus fazedores vários anos de prática para que possam atingir um nível de qualidade profissional, que lhes permitirá exhibir suas aptidões a outros profissionais mais experientes, porque mais do que a questão da criatividade artística, a questão dos cuidados de higienização e biossegurança são muito essenciais neste ofício. Por isso, Jackson diz que:

O profissionalismo é com tempo. (...) Eu acho que o profissionalismo envolve mais arte, quando tu consegues fazer, por exemplo pegas numa foto e consegues passar aquela foto pra pele igualzinho, sem margem de erro, eu acho que isso é um profissionalismo, não é algo que todo mundo faz. Também não envolve só pôr a imagem exatamente, envolve a biossegurança, o local em que tu vais trabalhar, o equipamento, todo esterilizado, tudo direitinho (Jackson, 34 anos, Tatuador e *Piercer*, Ilha de Luanda).

### **A busca por qualificação profissional.**

Atualmente, a aprendizagem de marcas corporais como a tatuagem e o *piercing* está cada vez mais facilitada, pois já existem cursos e workshops tanto presenciais quanto disponíveis na internet que ilustram vídeos de como se faz estas marcas. Todavia, o processo de aprendizagem destas práticas de marcação corporal não foi sempre assim, pelo menos em nosso contexto, onde o que determina são aspectos como: a habilidade em fazer desenhos, a

instrução ou orientação por parte de algum profissional que, muitas vezes é visto como o mestre, a interação com os tatuadores ou *piercers* mais experientes e, por fim, o recurso a uma formação.

Quanto à formação, para os profissionais entrevistados, ela é mais uma ferramenta que serve para aperfeiçoar o modo como se trabalha, e nunca um aspecto tido em conta logo no início da atividade, esse aspecto é ressaltado nas palavras de um dos profissionais que considera:

Fui trocando algumas ideias que com muitos tatuadores, na altura já se falava das redes sociais, consegui interagir com outros, fui aprendendo a partir das conversas que tive com alguns tatuadores do Brasil, fui evoluindo mesmo. Só que depois eu queria mais, (...) então juntei o meu dinheirinho e desejei mesmo uma formação profissional, fui fazer a formação profissional em 2015 (Benny, 32 anos, Tatuador e *Piercer*, Luanda-Sul).

Quanto ao fato de fazer uma formação adicional de modo a aperfeiçoar a forma como exercem o ofício de marcações corporais, os tatuadores entrevistados, destacam a importância de se fazer formações ligada à área, pois encaram o aprimoramento desta prática como sendo fruto de um processo de muito aprendizado, que não pára, logo que se termina uma dada formação, pois o aprendizado deve ser contínuo.

Razão pela qual, muitos deles começam por fazer as suas primeiras formações por meio de vídeo aulas ou vídeo-conferências realizadas e/ou disponibilizadas a partir da internet. Muitos destes, têm tido o auxílio de profissionais estrangeiros, maioritariamente de países como Brasil e Portugal, tal como podemos observar nas descrições que se seguem:

Faço formações on-line, no Brasil, com alguns tatuadores que eu conheço lá do Brasil. Na verdade, faço isso até agora porque eu digo que a tatuagem é um processo de aprendizagem, onde tem que aprender sempre mais com quem sabe muito mais ainda do que nós, então vai acontecer sempre, eu estou sempre a receber essas formações (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

Um conselho para quem é tatuador: isso de tipo ah não, eu fiz a formação no Brasil, e num sé quê mano, isso não basta. Tatuagem é algo que você tem que fazer sempre a formação. Três vezes ao ano pelo menos você tem que sair do teu conforto para ires fazer uma formação. Você fizeste esse mês depois de um mês aumentou qualquer cena na arte. Tem muitos *wys* que ficam aí a porque fiz (...) não são nada, são gabarolas, mais velhos babões (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

Não se limitando somente em formações transmitidas por meio da internet, ou em trocas de experiências com outros profissionais através das redes sociais, muitos tatuadores optam mesmo por fazer as suas formações no exterior do país, em locais que se consideram como

palcos renomados para o aperfeiçoamento profissional das práticas de marcação corporal, tais como Portugal, França, Brasil, Alemanha, entre outros.

Mas para isso, muitos deles vão se preparando financeiramente ao longo de um período de tempo considerável, a fim de se deslocarem para fazer as suas formações nos países acima mencionados, sendo os principais aspectos a aprender ligados a questão da biossegurança, de higienização do material e do manuseamento dos materiais de trabalho dos profissionais, tal como podemos ver no caso seguinte:

Eu no começo já sabia desenhar, mas eu precisava de aprender porque há certas coisas que em termos de biossegurança, de higiene, de como você criar um campo onde você pode trabalhar sem margens de infecções, de erros. Eu tive que me preparar financeiramente durante um bom tempo, saí daqui pra fora pra poder fazer uma formação, eu tive em Portugal, fiz uma formação de *piercing* e uma formação de tatuagens. (...) Eu fiz a formação, a primeira vez foi em 2013, depois fui mais ainda me atualizei, depois fui mais atualizando, fui comprar material, agora que nós entramos nessa situação [covid-19] é que as coisas estão mais um pouquinho apertadas e difíceis, então não me compensa estar mais a sair daqui pra lá e fazer essas atualizações (Jackson, 34 anos, Tatuador e *Piercer*, Ilha de Luanda).

Há também aqueles casos, em que alguns profissionais estrangeiros vêm aqui em Angola com o objetivo de dar algumas formações sobre tatuagens e *piercings*, mas isso acontece ocasionalmente, visto que não é uma prática muito comum dar tais formações em nosso território, por isso quando estas acontecem tendem a ser intensivas e bastante dispendiosas. Como comprova Gipilson Tattoo, que garante ter participado numa destas formações: “Fiz uma formação, isso foi o ano passado [2019], fiz com um brasileiro, a formação durou 2 dias, era uma formação intensiva mas custou bem cara. Nós íamos lá às 8h e saíamos às 23h, isso foi no Lubango (...) tenho o diploma, tá aí na secção mesmo” (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

### **Percursos e reconhecimento da profissão.**

Muitos dos nossos profissionais, não restringem os seus trabalhos somente aqui na cidade de Luanda. Pelo contrário, exercem seus trabalhos em várias províncias de Angola, bem como, em outros países do mundo. O que, de certo modo, lhes permite aperfeiçoar as suas técnicas de tatuar e inovar por meio da interação com outros profissionais, uma vez que essa circulação realça o carácter global da prática de marcação corporal, como ilustra o seguinte depoimento: “Eu também tatuo na Tanzânia e em Portugal, onde tenho lá estúdio, não é meu mas tatuo lá, fui convidado e até hoje tenho um espaço para mim e sei como é que é tatuar lá.” (Benny, 32 anos, Tatuador e *Piercer*, Luanda-Sul)

Por sua vez, outro tatuador realça o fato de circular em vários pontos do país a fazer tatuagens:

Eu girei mesmo Angola toda a fazer turnês de tatuagens, não é porque tenho família, eu viajei em províncias que eu nem conheço ninguém. Mano tou a chegar, tou a postar nas minhas redes sociais: Ephá cheguei, a partir de amanhã das horas X, até as horas X. Os riquinhos de Cabinda todos aí, mano vou no Soyo, etc.(...) Eu fiz isso o ano passado [2019], mas é uma cena que já estava em carteira há uns 3 anos a ser estudado, tás a ver? Foi uma cena que eu estudei muito. (...) Só num girei esse ano por causa do Covid-19, porque a intenção é girar mesmo, e não é só girar Angola, é mesmo girar África, depois de África a gente pega outros pontos (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

Os profissionais por nós entrevistados, vivem principalmente da atividade de tatuador e/ou *piercer*, sendo que alguns complementam esta atividade com a comercialização de utensílios ou materiais para a feitura destas marcas corporais, e outros, por seu turno, realizam formações sobre estas marcas para os neófitos no ramo. Por conseguinte, é notável que, entre estes profissionais, não há quem exerça outra atividade complementar para satisfação das suas necessidades básicas fora do ramo das modificações corporais. Por isso, um dos tatuadores chega mesmo a declarar:

(...) se tu decidires fazer diversas coisas nunca vais estar focado em nenhuma, vais querer ser bom em tudo, vais acabar por não fazer bem tudo. Eu preferi escolher mesmo simplesmente a tatuagem, e não desejo fazer nada mesmo *brow*. Nós aqui vendemos materiais, (...) mas não é isso que a gente queria, a gente quer mesmo é uma indústria de tatuagem aqui, porque quanto mais material de tatuagem tiver mais as pessoas se tornam profissionais. Esses *wys* de fora só são bons porque eles têm facilidade no material (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

Outro profissional, por seu turno, afirma: “Não só tatuo, também dou formação de tatuagens e piercings e também vendo material de tatuagens e *piercings* em toda Angola e também na Tanzânia.” (Benny, 32 anos, Tatuador e *Piercer*, Luanda Sul)

Para os tatuadores entrevistados, esta profissão, tal como as demais existentes, é uma profissão normal, pois ultimamente nota-se uma mudança e evolução da ideia de uma “subcultura desviante” (por se associar esta profissão aos marginais/delinquentes) para a constituição de um grupo profissional da arte corporal propriamente dita. Contudo existem algumas dificuldades que se podem verificar em torno do exercício desta prática na realidade luandense.

Dentre as quais podemos destacar: a falta de reconhecimento da profissão por quem de direito, uma vez que na legislação angolana quase que não se reconhece diretamente a profissão de tatuador; a escassez ou falta de produção de materiais utilizados ao longo do processo

marcação corporal no país, o que leva a uma carência no mercado nacional e importação desenfreada destes materiais, tal como vemos Falcon Tattoo que fala sobre o reconhecimento da profissão de “marcador corporal”:

Ser tatuador e *body piercing* é como uma profissão normal, se bem que não somos encarados dessa forma. Muita das vezes, a nossa sociedade encara as pessoas que têm tatuagens e piercings como um estilo para marginal, mas nada a ver. (...) tatuagem não muda carácter, se a pessoa tem ou não tem esse tipo de prática, (...) não tem nada a ver com as tatuagens, não é o facto de ele meter uma tatuagem ou um piercing que lhe tornou dessa forma não, as pessoas são o que são (Falcon, 26 anos, Tatuador e *Piercer*, Viana).

Em diversas profissões existem critérios que se utilizam para caracterizar as principais competências de um profissional de excelência, o que de certa forma o distingue dos amadores. No universo das marcações corporais, os tatuadores entrevistados enunciaram aspectos como a habilidade e prática em desenhos, a qualidade do material utilizado e a sua higienização. Não tanto o espaço, apesar de também ser importante, isto pode ser comprovado nos seguintes dizeres: “Pra ser considerado um bom tatuador tu tens que desenhar bem. (...) tem que fazer algo que impressiona e chama atenção, e pra fazer isso tu tens que ser um bom desenhador e com criatividade” (Jackson, 34 anos, Tatuador e *Piercer*, Ilha de Luanda).

Eu creio mais que é, não só na prática, mas o tipo de material que o tatuador vai usar, o equipamento, isso influencia muito na qualidade, no resultado do trabalho. O material, quando você usa bom equipamento, você tem bons resultados (Benny, 32 anos, Tatuador e *Piercer*, Luanda-Sul).

Finalmente, Gipilson Tattoo considera que para ser um bom profissional “Tens que mostrar trabalho mano, (...). Não basta se tu tens o melhor estúdio do mundo, todos os *mambos* aí, mas se tu não mostrares trabalho, não és” (Gipilson, 28 anos, Tatuador e *Piercer*, Samba).

Entre os profissionais da arte corporal entrevistados, verificou-se que praticam somente dois tipos de atividades de modificação corporal, nomeadamente as tatuagens e os *piercings*. Todavia, quando questionados se existia um outro tipo de marcação corporal que gostariam de fazer em seus estúdios para além destas, eles foram unânimes em responder que não pretendiam fazer nenhum outro tipo. Tal posicionamento, deve-se ao contexto ainda muito conservador da cidade em que vivemos, onde as outras modificações corporais tendem a provocar nas pessoas um sentimento maior de estranheza, devido a associação que se faz destas marcas com a marginalidade, por isso alguns afirmam:

Nós não picamos na cara e noutros sítios porque soubemos que ainda num tamos naquele patamar. Tem pessoas que discriminam porque ah não, esse aqui tem tatuagem é bandido num sé quê tal, o bom é que falam que bandido num se vê na cara. Você pode tá borrado de tatuagens, mas tens as tuas responsabilidades,



até porque muitos que nos desgraçam a vida estão de fato e gravata, todos bem apresentados (Túrio, 28 anos, Tatuador, KM 30).

### **Considerações finais.**

Atualmente, nota-se uma crescente adesão das pessoas por estas marcas corporais, que é fruto tanto do maior respeito e aceitação destas marcas pela nossa sociedade, quanto da sua divulgação pelos mídias e redes sociais, bem como da melhoria da qualidade de trabalho de alguns dos seus profissionais.

Tanto que, a forma como os profissionais se relacionam com os seus clientes é muito importante para a expansão e divulgação dos seus próprios trabalhos, pois há quem diga que são ‘os clientes quem vendem o peixe dos tatuadores’. Portanto, entre os entrevistados, nota-se que a interação social mantida entre cliente/tatuador e vice-versa é baseada acima de tudo numa relação de respeito e até mesmo amigável.

Pois diferente de outros ofícios, este exige que ambos ganhem a confiança um do outro, para que o procedimento de marcação corporal possa decorrer com maior tranquilidade e intimidade, uma vez que estas marcas corporais resultam de um processo de criação colaborativa entre tatuador e cliente, ao longo de todo processo de execução. Entretanto, existe também aquelas situações cuja relação entre tatuador e cliente é mantida com muita formalidade, onde após todo procedimento de marcação corporal não se mantém nenhum outro laço entre ambos, salvo nos casos em que os clientes são fiéis aos seus tatuadores, o que pode fortificar os laços entre eles.

### **Referências Bibliográficas.**

FERREIRA, Vítor S. **Marcas que demarcam:** Corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis. Tese de Doutorado em Sociologia, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006.

FERREIRA, Vítor S. «Be some body: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea». In: CABRAL, Manuel; ABOIM, Karin; SILVA, Filipe (orgs.). **Itinerários:** A investigação nos 25 anos do ICS, Lisboa: ICS, pp. 671-689, 2008.

GONÇALVES, Andréia Santos. **Corpos modificados ao extremo:** o eu, o outro e a sociedade. Tese de Doutorado em Sociologia, na Universidade de Brasília, 2014.

JAIRES, Luana T. P. S. **Sociologia da tatuagem**: uma análise antropológica e sociológica da técnica de tatuar e da prática de ser tatuado. Dissertação de Mestrado em Sociologia, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

LE BRETON, David. **Sociologia do Corpo**. 2ª ed., Rio de Janeiro:Editora Vozes, 2006.

LIMA, Janayna. «Marcado na pele: a tatuagem como forma de expressão das emoções». **Las encrucijadas abiertas de América Latina**: La sociologia en tiempos de cambio. XXXI Congreso ALAS Uruguay: Universidade Federal de Pernambuco, pp.1-14, 2017.

LISE, Michelle; GAUER, Gabriel; NETO, Alfredo. «Tatuagem: Aspectos históricos e hipóteses sobre a origem do estigma», **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**. pp. 294-316, 2013.

MACEDO, Sybele; PARAVIDINI, João L.L.; PRÓCHNO, Caio C.S.C. «Corpo e Marca: Tatuagem como forma de subjectivação». **Revista Subjectividades**, Fortaleza, 14 (1); pp.152-161, 2014.

MEILMAN, Léa. «Mensagens codificadas no corpo: é possível decifrar?». **Reverso**, Belo Horizonte, nº69, pp.91-98, 2015.

RANGEL, Natália. «Qual é a origem do piercing?». 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-dos-piercings/>, Acesso em 18/03/2020.

Recebido em 09/10/25 e aceito em 17/11/2025
---